

Inclusão de salvaguardas

Venha ou não, no curto prazo, uma recessão na economia mundial, uma providência imediata deverá ser tomada pelo Brasil: a inclusão, no elenco de itens que compõem a proposta de negociação da dívida externa com os credores, de cláusulas de salvaguarda para precaver-se de fortes oscilações da taxa de juros e de quedas acentuadas do fluxo de comércio. Trata-se da inclusão, no acordo, de salvaguardas que já foram obtidas pelo México e a Argentina quando recentemente negociaram sua dívida externa.

Afora essa providência, pouco ou nada pode fazer o País para reduzir o impacto de uma forte recessão mundial, pois seu comércio externo depende, basicamente, dos mercados dos Estados Unidos, da Comunidade Econômica Europeia e do Japão, que respondem por mais de 80 por cento do superávit comercial estimado em 10,2 bilhões de dólares este ano. Não se trata, segundo a opinião de economistas de dentro e de fora do Governo, de discutir se haverá ou não um ajuste recessivo nos Estados Unidos, arrastando o resto do mundo, mas de tomar providências preventivas para evitar a repetição do desastre de 1982.

O crash que arrastou a Bolsa de Nova Iorque para o fundo do poço, provocando um

prejuízo de quase 1 trilhão de dólares, que dobrou se forem contabilizadas as perdas no mercado acionário europeu (só na Inglaterra, 220 bilhões de dólares) e no Japão (400 bilhões) foi o resultado de um somatório de equívocos que vêm se acumulando desde 1982, quando se inaugurou a "reaganomics", cujo programa era reduzir impostos, aumentar os gastos militares e fazer crescer a economia sem inflação, uma salada impossível.

As revelações sobre o déficit comercial americano de agosto (Cz\$ 16,5 bilhões, com previsão de 180 bilhões de dólares no ano); o bate-boca entre americanos e alemães e os tiros disparados contra as duas plataformas petrolíferas iranianas no Golfo Pérsico por fragatas americanas foi apenas a gota d'água. A bolsa no-vaioquina já vinha acumulando perdas que, desde agosto, somavam mais de 300 pontos, num processo gradual de ajuste para compensar os ganhos artificiais acumulados nos últimos cinco anos, demonstrou, no entanto, que o mundo financeiro está melhor preparado para enfrentar uma crise do que em 1929, ainda que de dimensões maiores como a da "segunda-feira negra".

Na visão do ex-ministro do Planejamento, deputado Delfim Netto o crash não foi uma

explosão, mas um incêndio não completamente apagado e que deixou evidente a advertência de que, ou os Estados Unidos ajustam a sua economia ou cairão numa recessão, arrastando consigo os demais países industrializados. A queda da bolsa demonstrou, segundo Delfim, que o mundo cansou de financiar o déficit norte-americano e que já é hora do presidente Reagan adotar uma política de ajuste interno.

Que a crise existe e poderá ser potencializada, mesmo com as medidas de ajuste que venham a ser tomadas não parece haver dúvidas. O economista Michal Gartenkraut, secretário-geral do Ministério do Planejamento, menciona os mais recentes relatórios do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional e do Banco para Compensações Internacionais, para demonstrar que não são animadoras as perspectivas para a economia mundial em 1988 e 1989.

O PNB dos países industrializados ficará abaixo dos 3 por cento, excetuando-se as previsões mais otimistas para os Estados Unidos e a Alemanha, e a taxa de expansão do comércio mundial não deverá ultrapassar os 3 por cento nos próximos dois anos, o que pressupõe mudanças qualitativas importantes nos programas dos países em desenvolvimento.